

A omnipresença do telemóvel: contributos para uma reflexão.

Omnipresence of the mobile phone: contributions towards a reflection.

ROSA NOVO

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

movo@ipb.pt

ORCID: 0000-0001-8388-7740

Recibido/Aceptado: 03-11-2018/20-02-2019

Como citar: Novo, Rosa. 2019. "A omnipresença do telemóvel: contributos para uma reflexão", *Journal of the Sociology and Theory of Religion*, (S.1), 8: 111-116.

Este artigo está sujeito a uma: licença "[Creative Commons Reconocimiento-No Comercial](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)" (CC-BY-NC).

DOI: <https://doi.org/10.24197/jstr.0.2019.111-116>

Resumo: O crescimento explosivo do telemóvel indica que este tipo de comunicação é de grande aceitabilidade social sendo o seu uso, de forma intensiva e multifuncional, e a sua posse cada vez mais precoce. Na verdade, a presença generalizada deste aparelho na vida das pessoas, fazem desta tecnologia um elemento central das suas vidas e tem vindo a alterar de forma significativa os seus comportamentos. Saliente-se que são vários os organismos que recomendam o uso dos telemóveis como ferramenta pedagógica nas salas de aula. Realce-se também a proliferação de estudos empíricos relacionadas com a sua utilização, sobretudo direcionada em torno da camada mais jovem, em contextos formais e informais. Neste sentido, o propósito deste artigo consiste, tão-somente, em convocar alguns elementos reflexivos no quadro da sua "experiência social" sobre o uso de telemóvel, visando essencialmente enfatizar a necessidade urgente de uma atitude adequada e moderada no quotidiano.

Palavras - chave: telemóveis, utilização, "experiência social", reflexão.

Abstract: The growing use of the mobile phone shows that this is socially widely accepted communication medium. Its use is intensive and multifunctional and begins at early stages. In fact, the generalized habit of having a mobile phone in their lives transforms this technology into a vital element and has significant impact on people's behaviour. It must be emphasised that several entities recommend the use of mobile phones as a pedagogic tool within the classroom. More empirical studies are being carried out in relation to the use of mobile phones, especially among young people, in formal and informal contexts.

Therefore, this contribution aims at promoting thought about the 'social experience' of using the mobile phone in order to establish an adequate and moderate attitude in daily life.

keywords: mobile phones, use, "social experience", reflection.

Introdução

O telemóvel proporciona um novo mundo de possibilidades e, consequentemente, alterou profundamente a forma de comunicação e relação interpessoal, bem como os hábitos que sustentavam gerações anteriores que, como eu, ainda vivenciaram o uso do telefone fixo e respetivas cabines. Na verdade, o impacto social deste aparelho digital que viabiliza serviços de voz, texto, navegação, fotografia e vídeo é uma realidade inexorável e incontornável nos dias de hoje. Este avanço tecnológico é indubitavelmente, e tomando de empréstimo o título do livro de Aldous Huxley, um “admirável mundo novo”. No entanto, o presente artigo visa apenas desvelar uma reflexão crítica e construtiva sobre as interferências que o seu uso provoca. Do ponto de vista metodológico convoca uma abordagem hermenêutica, traduzida e concretizada numa metodologia exploratória do tipo “biográfico-narrativa”, através da mobilização de uma postura de retroação reflexiva em torno da sua experiência singular obtida a partir da observação e constatação do uso do telemóvel em contextos sociais distintos. O principal contributo que este artigo tende a evidenciar, e sem pretensões de exaustividade, é o da imperiosa necessidade de proporcionar uma educação no âmbito da dimensão relacional respeitadora e ética.

1. AS INCONGRUENCIAS DOS NOSSOS TEMPOS

A problemática relacionada com as implicações do uso do telemóvel nos diversos contextos sociais, creio que se assume cada vez mais, como complexa e, por vezes, até contraditória. Complexa porque o sujeito-usuário como portador de direitos e como resultado de múltiplas experiências socializadoras heterogéneas e plurais, desloca-se, sucessivamente, no sentido de uma lógica de individualização crescente. Além da complexidade desta deslocação e para a qual não se pode obter uma resposta linear, é também contraditória porque na forma como se vê e legitima a sua ação, instaura-se ainda a crise de autoridade que tendencialmente se vai impondo, a par das várias críticas face à socialização normativa ligada às agências institucionais como a escola.

Face à complexidade atrás referida, há aspetos que cada um de nós, deve encarar, pois a ideia dos nossos “brandos costumes” está profundamente arreigada e não podia ser mais desacertada. Talvez por isso, quer-me parecer que o facto de ora atribuímos ao “outro” a “boa ou má educação” ou de simplesmente ignorar, serve bem o propósito de legitimar o seu uso independentemente dos contextos ou situações. Mas ainda assim, admitindo que é consequência das atuais contingências socio-históricas, uma postura de

neutralidade não é solução, sendo por isso fundamental elucidar melhor o “sentir” que deu origem a este artigo.

2. A SINGULARIDADE DA EXPERIENCIA

Antes de mais convém ter presente que, apesar do telemóvel estar integrado no meu quotidiano, nunca adotei o seu uso de forma intensiva e multifacetada. Em boa verdade, uma boa parte das vezes até me esqueço dele e, portanto, assumo que não sou fruto da geração tecnológica. Tal não significa que não reconheça as suas múltiplas vantagens tais como: a segurança, mobilidade, comunicação rápida e eficaz, informação, sociabilidade e de coordenação laboral e familiar. Em linha com os estudos referenciados por Dias (2007), a idade é inversamente proporcional à adoção do telemóvel e sua frequência de utilização (Fortunati & Magnanelli, 2002), e eu, naturalmente, assumo que pertencço a esta categoria. Em outras palavras, para mim é apenas um objeto utilitário e que, de acordo com Lev Vygotsky (1991), é apenas uma ferramenta usada com parcimónia. Contrariamente para os jovens, o telemóvel despoletou uma mudança radical, que é consequente da adaptação do mercado através da horizontalidade quanto à sua posse, uso e acesso à internet.

Partindo da análise de situações recorrentes, observo que eles começam a utilizá-lo cada vez mais precocemente e são seduzidos não apenas pela tecnologia, mas também pela ideia de que o aparelho simboliza autoafirmação e status social (Plant, 2001). Especificamente este dado foi uma descoberta surpreendente para mim, quando há anos atrás uma aluna, vendo o meu telemóvel pousado na secretária, me questionou na aula, dizendo: “A sr^a Doutora tem esse telemóvel (de gama baixa)? É igual ao da empregada lá de casa!” Confesso que esta interpelação não só me suscitou maior curiosidade sobre a investigação do seu uso, como despoletou um processo de maior conscientização sobre o meu comportamento e dos outros.

Na verdade, é tão natural observar pessoas a usar esses dispositivos por diversos e múltiplos lugares como *shopping centers* hotéis, ruas, passeadeiras, compras, escolas, encontros científicos, serviços públicos diversos, demonstrando explicitamente a relação que existe entre o utilizador e o telemóvel. E aqui surge uma questão central: mas porque é que isto é assim tão importante?² E eu respondo com novas e seguintes questões:

- Como se sentirá o outro quando, no decurso das compras, se conversa com alguém e apenas se gesticula e manea a cabeça para indicar o que deseja adquirir?

- Como se sentirá o outro quando se interrompe uma conversa entre uma díade ou entre um pequeno grupo de pessoas justificando: desculpa (em), mas tenho de atender? Será mesmo impreterível?

- Como se sentirá um conferencista perante uma plateia na qual metade dos participantes, (e talvez mais!), dedilham os dedos pelas redes sociais?

-No decurso das aulas, como se sentirão os colegas aquando da apresentação de trabalhos, quando apenas escassos alunos não recorrem à sua utilização, apesar das regras instituídas?

-E o que dizer de um professor que diariamente, apesar de relembrar para guardarem os telemóveis, observa as formas discretas e tentativas, e por sinal bem-sucedidas, para estabelecer ligação com ele?

-E ainda o que dizer, no seio das relações familiares, aquando de uma consulta no oftalmologista de um pai e durante a qual o seu filho, agarrado ao telemóvel, só reagiu perante a sentença de “cirurgia às cataratas”, exigindo no final da mesma que o médico explicasse o que se passava, ao que retorquiu aconselhando-o a consultar o “doutor google!”?

- Como compreender a socialização de um grupo de amigos jovens, sentados numa mesa de café, e cada um absorto com o seu telemóvel?

- Como abranger a ideia quando um jovem afirma que não pode viver sem telemóvel?

- E ainda, como compreender a necessidade de manter-se conectado constantemente e responder quando se recebe notificações?

Este conjunto de questões de reflexão não esgota, nem tão pouco se aproxima da minha perceção do telemóvel como intrusivo mas também da crescente tolerância à sua intrusividade em diferentes contextos. Admito também, por vezes, a “*mea culpa!*” Acresce, no entanto, referir que pedidos de desculpa sem mudança comportamental, pouco ou nada resolve.

Naturalmente, o meu objetivo não é o de diabolizar este dispositivo tecnológico, nem tão pouco desconsiderar o leque de opções que comporta como a reconfiguração do tempo e do espaço, encurtamento das distâncias, interação diversificada, diversão, lazer, ócio, redes, contatos pessoais, profissionais, calendário, despertador... De facto, é um leque que, se por um lado oferece múltiplas opções, por outro, torna tudo rápido, instantâneo, encerrando a pessoa em si mesma, através da viciação em jogos, da resposta imediata a uma mensagem para não ser excluído, da propulsão para estar sempre disponível quer seja no decurso das refeições, quer seja no cinema e outros variados espaços-temporais reais e concretos e, por vezes, até inadmissíveis!

O telemóvel é um leque de abertura ao “mundo”, mas também encerra as relações com o outro, enclausurando-o num mundo virtual e afastando-o do mundo real, concreto, palpável, do aqui e do agora; da beleza e maravilha do encontro e do prazer de estar incondicionalmente com o outro.

3. E PARA FINALIZAR

Eu não nasci com a tecnologia, mas reconheço as suas múltiplas vantagens. No entanto, creio que ainda há uma carência de reflexão séria e honesta sobre a utilização desmedida do telemóvel, apesar da existente e interessante resenha sobre a investigação no âmbito deste aparelho digital (Dias, 2007).

A “naturalização” da falta de controlo inibitória do impulso de atender e/ou recorrer ao telemóvel que se constata em múltiplos espaços e tempos, carece de uma atuação coerente e concertada de todos. O seu rápido desenvolvimento, sobretudo na geração jovem que “não desliga” (Freitas & Meirinhos, 2017), exige o desenvolvimento de valores para uma convivência cívica, através do exercício da cooperação (Piaget, 1984) para ser constituída. Um problema concomitante é que os jovens são centrais, mas não são o centro. O centro é uma ética de encontro; uma ética de interações presenciais pois é no olhar que reside o outro, assegurando a mutualidade no respeito. A relação presencial com o outro exige atenção, cuidado, regras, limites, valores e princípios orientadores.

Em suma, apesar de vivermos num novo paradigma de comunicação multimidiática e da sua alfabetização e democratização ser imprescindível, creio que não é aceitável que se relegue para segundo plano a interação presencial. A sua utilização em qualquer lugar e momento, independentemente do tempo, do espaço, da companhia, das regras instituídas é particularmente relevante, e, por isso, espero que este pequeno texto possa contribuir para uma utilização mais consciente desta tecnologia.

BIBLIOGRAFÍA

Bolívar, A., Domingo, J., & Fernández, C. M. (2001): *La investigación biográfico-narrativa en educación. Enfoque y metodología*. Madrid: La Muralla.

Dias, P. (2007). O impacto do telemóvel na sociedade contemporânea: panorama de investigação em Ciências Sociais. *Comunicação & Cultura*, 77-96.

- Freitas, I., & Meirinhos, M. (2017). Questões éticas na era digital: implicações para a educação. In Pires, M. V.; Mesquita, C.; Lopes, R.P.; Santos, G.; Cardoso, M.; Sousa, João S. P. C.; Silva, E.M.; Teixeira, C. (Eds.) *Livro de Atas do II Encontro Internacional de Formação na Docência (INCTE)* (pp.181-189). Bragança: Instituto Politécnico.
- Fortunati, L., & Magnanelli, A. (2002). El teléfono móvil de los jóvenes. *Revista de Estudios de Juventud*, 57, Madrid: Instituto de la Juventud,59-78.
- Piaget, J. (1984). *El critério moral en el niño*. Barcelona: Ediciones Martinez Roca.
- Plant, S. (2001). *On the Mobile: The effects of mobile telephones on social and individual life*. <http://www.momentarium.org/experiments/7a10me/sadie-plant>.
- Vygotsky, L. (1991). *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes Editora.